

## UM EXERCÍCIO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO PODEROSO A PARTIR DA ANTIGEOPOLÍTICA DO FUTEBOL

Guilherme Pereira Meirelles<sup>1</sup>

### Introdução

O presente trabalho surge a partir de algumas questões observadas com relação à geografia escolar. A primeira dessas questões diz respeito a abordagem de geopolítica trabalhada em sala de aula. Trabalhos como os de Borowski e Fonseca (2017) e Werminghoff (2017) demonstram que a geografia escolar tem tomado a perspectiva clássica da geopolítica como a principal, e em muitos casos como a única, abordagem geopolítica em sala de aula. Ainda que relevante em diversos contextos de análise da realidade, a perspectiva da geopolítica clássica acaba oferecendo análises limitadas dos fenômenos estudados, uma vez que, por exemplo, não leva em consideração ações e estratégias políticas de outros atores, como movimentos sociais ou mesmo indivíduos. Outras perspectivas geopolíticas, no entanto, apresentam críticas e considerações sobre o desenvolvimento e a natureza do pensamento e da prática geopolíticos, como a geopolítica crítica. Essa corrente da geopolítica, surgida entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990, busca problematizar a construção e o desenvolvimento da chamada geopolítica clássica. Para autores dessa corrente, dentre os quais destacamos as contribuições de Gearóid Ó Tuathail, a geopolítica deve ser criticamente reconceitualizada enquanto uma prática que cria discursos e espacializa a política.

No arcabouço teórico da geopolítica crítica desenvolvem-se diversos conceitos, dentre os quais aquele que buscamos desenvolver em nossa proposta: a antigeopolítica. Introduzido por Routledge (2003), o conceito de antigeopolítica pode ser compreendido enquanto “uma força ética, política e cultural dentro da sociedade civil (...) que desafia a noção de que os interesses da política estatal são os mesmos da sociedade” (ROUTLEDGE, 2003, p. 236, tradução livre), bem como desafia as próprias representações impostas pelos Estados e instituições. Dois são os pilares que sustentam a antigeopolítica, o primeiro sendo o deslocamento do foco da ação política. Enquanto a geopolítica clássica toma o Estado como ator político central, a antigeopolítica busca destacar que outros atores, em diversas escalas espaciais, também constroem ações e representações políticas relevantes no fazer da política. A partir disso, a antigeopolítica abre espaço para pensar

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia e doutorando em Geografia pela PUC-Rio - guipmeirelles12@gmail.com

ações e representações construídas a partir de movimentos sociais, por exemplo. O segundo pilar da antigeopolítica seria a noção de resistência. Lima (2013) destaca que esta:

constitui o núcleo duro da antigeopolítica, ou seja, a categoria de análise chave para o entendimento das práticas antigeopolíticas. (...) É essa resistência que atua como o contrafluxo que retroalimenta o próprio fluxo do exercício do poder. Logo, não se trata meramente de uma contraofensiva às manobras do polo dominante numa dada relação de poder, mas trata-se, isso sim, da contraface do exercício de poder constituído por múltiplas, simultâneas e assimétricas ofensivas estratégicas. (LIMA, 2013, p. 158).

A segunda questão que norteia nosso trabalho trata da organização e concepção do currículo escolar. Young (2008) aponta para a negligência ao papel do conhecimento na estruturação dos currículos escolares, tanto por parte daqueles que formulam políticas públicas quanto por parte de educadores. O conhecimento, nessa perspectiva, estaria sendo deixado de lado em detrimento a um currículo que coloca a centralidade de suas formulações em conteúdos, habilidades e competências. A ideia de Young, assim, passa por recentrar o conhecimento no currículo escolar, buscando construir o que este chama de conhecimento poderoso. Esse conhecimento pode ser entendido enquanto um conhecimento que visa prover os alunos com as ferramentas necessárias para a promoção da justiça social e a transformação da sua realidade (YOUNG, 2008; 2016). Entendemos que, no processo de construção desse conhecimento poderoso apontado por Young (e essa pode ser uma terceira questão a partir da qual estruturamos nosso trabalho), se torna fundamental que os conhecimentos dos alunos e elementos de sua vida cotidiana sejam incorporados às discussões da geografia escolar. Recorremos assim às formulações de David Ausubel (1963) acerca da teoria da aprendizagem significativa ao compreender que se faz necessário que algum material seja incorporado ao processo de ensino-aprendizagem para atuar de forma a conectar conhecimentos prévios aos novos.

Dessa forma, e tomando como base trabalhos como Holgado (2013) e Carioba (2017), acreditamos que o futebol tem a capacidade de se constituir como esse elemento de mediação entre os alunos e conhecimentos poderosos. Além de apresentar diversas possibilidades de trabalho pela geografia escolar (como apontado nos trabalhos acima mencionados), o futebol também se apresenta como objeto de interesse dos estudos em geopolítica, como para pensar nacionalismos e a agência de organizações multilaterais como a FIFA (CANETTIERI, 2010; SCUTTI; WENDT, 2016) ou os crescentes patrocínios advindos de países do Oriente Médio (KOCH, 2020). Mesmo com tais estudos, a perspectiva antigeopolítica segue também negligenciada ao pensarmos a geopolítica do futebol.

Tendo em vista questões apresentadas, este trabalho busca analisar a potencialidade de construção de conhecimentos geográficos poderosos a partir da relação entre futebol e antigeopolítica. Para atender tal objetivo, desenvolvemos uma atividade pedagógica a partir dessa relação, de forma que fosse possível verificar a pertinência de nossa discussão teórica no ambiente de sala de aula.

### **Proposta e realização da atividade**

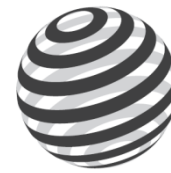
Consideramos relevante o desenvolvimento de uma atividade que, baseada nas discussões apresentadas, pudesse apontar caminhos possíveis para que tais discussões sejam incorporadas às atividades escolares. A proposta desenvolvida foi realizada em duas turmas, uma de 8.º ano e outra de 9.º ano, em uma escola particular de baixa renda no município de Nova

Iguaçu, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, em novembro de 2021, com diferença de uma semana entre cada aula. Dois são os motivos para a escolha das séries indicadas. O primeiro diz respeito às orientações curriculares para ambas as séries, que apontam conteúdos e habilidades relacionadas à geopolítica a serem trabalhados ao longo do 8º e 9º anos. O segundo motivo se dá em razão do contexto de pandemia do COVID-19. Devido tanto a questões sanitárias quanto a questões administrativas de cada instituição de ensino, encontramos pouca disponibilidade de horários e locais para realização da atividade. Sendo assim, optamos por trabalhar com duas séries diferentes, de forma a desfrutarmos de maior amostragem para a pesquisa, ainda que o número absoluto de alunos tenha sido limitado.

O desenvolvimento da atividade buscou formas de levar a temática do futebol e a abordagem antigeopolítica ao ambiente escolar de forma a avaliar como tais elementos podem ser utilizados na construção de conhecimento geográfico poderoso. Assim, estabelecemos como objetivos para a atividade: (1) compreender as características da antigeopolítica e suas diferenças com relação ao conceito de geopolítica; (2) analisar eventos do futebol pela ótica da antigeopolítica e (3) propor ações e medidas de transformação da sociedade a partir da consideração da noção de antigeopolítica. Ao estabelecer tais objetivos, buscamos avaliar a pertinência das três principais temáticas da pesquisa no contexto de sua incorporação no ambiente escolar, de forma a não restringirmos tal debate ao campo teórico. Buscando atender aos objetivos propostos, a atividade foi organizada em duas partes. A primeira parte correspondeu a uma introdução e discussão inicial acerca da temática trabalhada, enquanto a segunda parte correspondeu a um momento de avaliação dos alunos. Cada parte da atividade foi realizada ao longo de tempo de aula, 50 minutos.

No início da atividade, indagamos os alunos se já haviam trabalhado com futebol em aulas de geografia ou em outras oportunidades. A turma do 8.º ano<sup>o</sup> respondeu de forma afirmativa, dizendo que haviam trabalhado com futebol ao tratar de uma temática durante aulas de geografia, porém de forma pontual. A turma do 9.º ano, por sua vez, afirmou que acreditavam já ter trabalhado com o futebol em outras ocasiões, porém não se recordavam. Aproveitamos o momento e abordamos o fato de que nossa atividade iria abordar o futebol e, também, geopolítica, porém sem apresentar maiores informações aos alunos. Após esta etapa inicial, apresentamos aos alunos algumas manchetes retiradas de *sites* de notícias esportivas. As manchetes selecionadas apontavam para uma abordagem associada à perspectiva clássica da geopolítica. Utilizamos-nos de tais manchetes de forma a questioná-los sobre as relações que observavam entre os diferentes sujeitos presentes nas manchetes (como clubes, países, entre outros). Os alunos em ambas as turmas, utilizando de diferentes palavras, foram capazes de identificar que os países mencionados nas manchetes buscavam se utilizar do futebol e de sua influência como instrumento político. Discutimos a partir dessa consideração que, em diferentes momentos históricos, o futebol foi utilizado como importante elemento de construção de imaginários políticos, tanto de maneira interna quanto perante a comunidade internacional. Tomamos essas considerações para debatermos a ideia de geopolítica, questionando os alunos se aquilo que foi discutido se assemelha a ideia que os mesmos têm sobre a geopolítica, baseado naquilo que tiveram contato em outros momentos de sua formação. Os alunos responderam de forma afirmativa. Apresentamos então uma definição de geopolítica, baseada no proposto por Karl Haushoffer: “ciência que estuda a relação da política com o território, com a finalidade de auxiliar o Estado a manter seu poder nacional” (Weigert, 1943). Questionamos os alunos se a definição apresentada correspondia aquilo que os alunos já haviam estudado sobre geopolítica e eles confirmaram.

Numa terceira etapa da atividade, apresentamos novas manchetes, as quais permitiriam uma visão distinta da geopolítica. Quando indagados sobre as manchetes apresentadas e sobre sua similaridade ou diferença com relação ao primeiro grupo de manchetes, os alunos disseram



que estas colocavam um foco maior em pessoas ou em grupos de pessoas, enquanto as primeiras manchetes apresentavam como protagonistas a figura do Estado. Também identificaram que as temáticas entre as manchetes mudaram, apontando que nas novas manchetes estavam sendo abordadas “questões sociais, e não interesses do governo”, como afirmou uma aluna do 8.º ano. Tendo sido identificadas as diferenças, os alunos apresentaram algum grau de dificuldade para identificar semelhanças entre os dois grupos de manchetes. Discutimos então que, apesar das diferenças quanto aos diferentes sujeitos que compõem as manchetes e as diferentes temáticas envolvidas, ambos abordavam a utilização do futebol como plataforma de discussões e ações políticas. E ressaltamos que o segundo grupo de manchetes também aponta para uma forma de geopolítica que, porém, nos permite observar atores e visões de mundo invisibilizadas na primeira abordagem. A exemplo, daquilo que já havia sido destacado pelos alunos com relação ao protagonismo de outros sujeitos (indivíduos ou grupos da sociedade ao invés da figura do Estado).

Numa quarta etapa da atividade, questionamos se os alunos possuíam alguma familiaridade com essa outra perspectiva geopolítica apresentada por nós e a resposta, tanto na turma de 8º ano quanto de 9º ano, foi negativa. Utilizamos esse momento para analisarmos melhor a abordagem antigeopolítica, utilizando de exemplos do mundo do futebol.

O primeiro exemplo abordou a criação e ação do Observatório da Discriminação Racial no Futebol (ODRF). Criado em 2014, o grupo teve como proposta inicial o monitoramento de casos de racismo no futebol brasileiro e internacional. Apontamos também que, desde sua criação, o ODRF estendeu seu monitoramento a casos de homofobia, machismo e xenofobia, por exemplo, e que também busca realizar esse monitoramento em outras modalidades esportivas também. Discutimos então o fato de como a visibilidade alcançada com os casos monitorados e noticiados pelo ODRF contribui para que tais casos possam ser levados a justiça desportiva, como no caso do ex-goleiro Aranha, ofendido por torcedores do Grêmio em partida de 2014. Abordamos também outra relevante ação do Observatório: a publicação do Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol. Explicamos aos alunos que o relatório reúne informações compiladas dos casos apurados pelo ODRF ao longo do ano, apresentando informações sobre a natureza do caso, se o caso foi encaminhado à justiça e se houve punição, dentre outras informações. Além disso, trabalhamos a importância de tal relatório, não apenas do ponto de vista da conscientização que possa se criar a partir da publicação, mas também como instrumento para que clubes, federações e demais instituições estatais possam pensar políticas de enfrentamento a tais questões.

O segundo exemplo utilizado para melhor discutirmos a abordagem antigeopolítica com os alunos foi a comemoração dos jogadores Xherdan Shaqiri e Granit Xhaka na Copa do Mundo de 2018. Durante a partida contra a Sérvia, os jogadores, que atuam pela Seleção da Suíça, mas possuem origens no Kosovo (um nasceu nesta região e o outro é filho de pais kosovares), celebraram seus gols com o gesto de um pássaro de duas cabeças. Uma alusão à bandeira da Albânia. Explicamos aos alunos que a comemoração foi uma manifestação em favor da independência do Kosovo, região que se declarou independente da Sérvia em 2008, não reconhecida por vários países, inclusive a Suíça. Explicamos também que o gesto tem relação com o fato da população do Kosovo ser de origem étnica albanesa. A comemoração dos suíços foi tomada como ofensiva por diferentes setores sociais na Sérvia, além de ter tido grande repercussão na mídia internacional, acarretando no aumento das tensões diplomáticas entre Sérvia e Kosovo. A partir desse evento, discutimos com os alunos como a ação de dois indivíduos foi capaz de tensionar as relações diplomáticas entre Sérvia e Kosovo. E destacamos que, se considerada a perspectiva clássica da geopolítica, a atuação destes indivíduos não seria destacada, pois a ênfase recaria numa análise da situação mais geral dos países envolvidos, dando-se destaque a Estados e/ou instituições internacionais multilaterais.

Após trabalharmos tais eventos, buscamos nos aprofundar nas características da antigeopolítica, bem como sistematizar as ideias trabalhadas acerca dessa outra abordagem de geopolítica apresentada aos alunos. Apresentamos nesse momento, assim como no caso da perspectiva clássica da geopolítica, uma definição de antigeopolítica, baseada nas formulações de Routledge (2003) e Lima (2013), apontando que a antigeopolítica seria uma corrente da geopolítica que estuda a relação entre a política e o território a partir da ação de pessoas e grupos da sociedade civil. Nesse momento, aproveitamos para reforçar que as duas perspectivas de geopolítica, apesar de suas diferenças, não são antagônicas. Discutimos com os alunos que a antigeopolítica é uma forma de pensar de geopolítica e que, apesar do nome sugerir este antagonismo, as perspectivas apresentadas são complementares (Ô TUATHAIL, 1996). E, ressaltamos que nosso objetivo com a atividade desenvolvida era o de apontar para a existência distintas leituras geopolíticas.

Antes de prosseguirmos com a atividade, perguntamos aos alunos se haviam ficado com dúvidas com relação ao que havíamos trabalhado até ali. As duas turmas responderam que não havia dúvidas. Utilizamos os últimos minutos da aula para explicarmos a segunda parte da atividade, que consistia na análise de um evento do futebol, a partir da abordagem antigeopolítica. Neste momento, propusemos aos alunos que, divididos em grupos, realizassem uma análise de um evento do futebol, a ser selecionado pelo grupo. Para a realização da atividade, distribuímos dois materiais aos alunos. O primeiro material foi o Roteiro de Atividade, com orientações para a realização da atividade, como número de integrantes em cada grupo, tempo de apresentação e forma de apresentação, bem como a proposta de atividade. Também no roteiro, colocamos algumas questões que os grupos deveriam ser capazes de responder durante a apresentação: Onde e quando ocorreu o evento? Quem são as pessoas/grupos envolvidos? Qual foi a causa levantada? Essas questões servirão como base para a avaliação da apresentação dos grupos.

Além da análise de um evento do futebol, solicitamos que cada grupo apresentasse uma proposta para transformação da realidade social, relacionada ao evento analisado. Ao abordarmos essa questão os alunos apresentaram dúvidas quanto ao que seria essa proposta de medidas de transformação social. Como exemplo, utilizamos o Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol. Discutimos com os alunos que, a publicação do relatório poderia ser considerada uma medida de transformação da realidade, pois o documento era uma forma tanto de promoção da conscientização sobre questões como racismo e homofobia, quanto era capaz de atuar como referência na formulação de políticas públicas no âmbito desportivo e social a respeito do combate a tais questões. Após o exemplo, os alunos demonstraram compreender melhor o que era a proposta que deveriam apresentar.

O segundo material entregue foi o Material de Apoio que reunia, em forma de tópicos, os principais pontos de discussão da primeira parte da atividade, assim como as definições de geopolítica e antigeopolítica utilizadas. A opção por apresentar as definições utilizadas, bem como os demais tópicos de discussão se dá pelo fato de não contarmos com a possibilidade de realizar outro encontro para tratar de dúvidas antes do dia da apresentação. Sendo assim, optamos por apresentar tais definições aos alunos de forma que pudessem ter algum material de consulta durante a confecção de suas apresentações caso tivessem alguma dúvida nos dias seguintes a primeira parte da atividade.

A segunda parte da atividade ocorreu depois de uma semana, tempo que foi possível darmos aos alunos para realização de suas apresentações visto que nos encontrávamos em final de ano letivo. Devido ao pequeno número de alunos na turma de 9.º ano, a atividade foi realizada em duplas. Também optamos pelas duplas, pois assim teríamos mais apresentações disponíveis





para avaliarmos em nossa pesquisa. Na turma de 8.<sup>o</sup> ano, os grupos puderam ter de 4 a 5 componentes.

As apresentações tiveram início pela turma de 9.<sup>o</sup> ano, tendo quatro duplas apresentado seus trabalhos, pois alguns alunos faltaram no dia ou não participaram da atividade. A primeira dupla a se apresentar tratou da participação do Santos na paralisação momentânea da Guerra da Biafra, no fim dos anos 1960. A dupla buscou analisar como a presença da equipe na região atuou de forma a influenciar a realização de uma trégua no conflito para que fosse possível assistir a partida, atuando nesse sentido, como um importante ator geopolítico.

A segunda dupla promoveu a análise de mais de um evento. A dupla selecionou outros eventos, mas concentrou sua análise em apenas um deles, o gol de mão de Diego Maradona contra a Inglaterra na Copa do Mundo de 1986. A análise do grupo destacou o gol de Maradona como uma ação de revanche pela disputa das Malvinas, uma vez que o gol ilegal ocasionou na eliminação dos ingleses da competição. Outro evento relevante analisado pela dupla diz respeito à participação de torcidas como do Al-Ahly (Egito) e Barcelona (Espanha/Catalunha) em manifestações políticas da população de seus países em prol da ampliação de direitos democráticos durante a chamada Primavera Árabe e da independência da região respectivamente, destacando a participação políticas desses grupos.

Como tema de sua apresentação, a terceira dupla analisou a chamada “Invasão Russa” durante a Eurocopa de 2012, em que torcedores russos “marcharam” até Varsóvia, capital polonesa, para a partida entre as duas seleções. A marcha e festividades dos torcedores russos pelas ruas da capital polonesa devia-se à comemoração do Dia da Rússia, feriado destinado à celebração da soberania do Estado russo após a Guerra Fria. O ato dos torcedores russos foi tomado como provocativo por torcedores poloneses, fato que resultou em grande confronto entre as torcidas. O foco da análise da dupla foi a forma como as ações de grupos de torcedores são, em alguns momentos, pensadas e interpretadas como atos diretos de um país contra o outro. Por fim, a última dupla analisou o caso de um sócio e funcionário do Santos, acusado de racismo por uma funcionária do Clube, em 2021. A análise da dupla se pautou em mostrar como a atuação de indivíduos nas redes sociais pode promover uma ampla visibilidade para acusações como a da funcionária do clube e como tal visibilidade é fator relevante para que casos semelhantes possam ser levados ao poder judiciário.

Nenhuma das duplas da turma de 9.<sup>o</sup> ano, no entanto, apresentou a proposta de medidas de transformação solicitadas. A turma afirmou que ficaram focados no resto da apresentação e acabaram esquecendo a parte propositiva. Como ainda contávamos com alguns minutos de aula, disponibilizamos 10 minutos para que os alunos pudessem pensar uma proposta baseada no evento analisado por cada dupla. Após esse tempo, a dupla que analisou a participação do Santos na trégua da Guerra da Biafra sugeriu que o clube se recusasse a jogar a partida como forma de chamar atenção da comunidade internacional para o conflito. A segunda dupla, que apresentou em sua análise mais de um evento do futebol, afirmou não conseguir escolher um dos eventos para pensar uma proposta de medida. A dupla que tratou da acusação de racismo por parte da funcionária do Santos sugeriu que fosse buscado apoio de instituições e grupos que atuem no combate ao racismo, como o ODRF, para que, a partir da ação desses grupos, houvesse maior pressão para a análise e julgamento do caso. A dupla que tratou do conflito entre torcedores russos e poloneses durante a Eurocopa afirmou que não achava se possível pensar uma proposta pois, segundo a dupla, “nada ia impedir a briga de acontecer”.

O comentário desta última dupla nos permitiu retomarmos a discussão acerca da antigeopolítica. Lembramos à turma que uma das características da geopolítica, não apenas na perspectiva clássica, é a construção de discursos geopolíticos. Discutimos que, pela tradição da

abordagem da geopolítica clássica, esses discursos são construídos de forma a refletir certas concepções de mundo, geralmente atreladas aqueles em posição de poder. A partir então, de um discurso geopolítico consolidado, criam-se certos imaginários sobre diferentes espaços, nesse caso um imaginário sobre russos e poloneses. Nesse imaginário geopolítico, o ato dos torcedores russos é interpretado como provocação, mesmo que tal ação não tenha esse intuito. Sugerimos à dupla, que pudessem pensar numa proposta de intervenção relacionada à desconstrução de tais discursos, por exemplo através da educação. A proposta sugerida, e aprovada pela dupla, caminha no sentido do investimento na formação do professor, para que esse possa ser capaz de abordar tais questões em sala de aula e a formulação de novas políticas públicas de educação que visem à incorporação de discussões como racismo, xenofobia, gênero, entre outros.

Após as apresentações da turma de 9.<sup>o</sup> ano demos início, no tempo de aula seguinte, as apresentações dos alunos do 8.<sup>o</sup> ano. Três grupos apresentaram seus trabalhos nessa turma. Assim como no 9.<sup>o</sup> ano, alguns alunos faltaram ou não participaram da atividade. A professora das turmas afirmou que era comum que os alunos, por vezes, não realizassem as atividades, não apenas nas aulas de geografia. O primeiro grupo analisou a reação dos jogadores do PSG e do Istanbul Basaksehir diante de um ato racista do árbitro da partida. Em sua análise, o grupo discutiu como, ao identificarem a atitude racista do árbitro auxiliar da partida, os próprios jogadores das equipes se mobilizaram para que a partida fosse paralisada e que o árbitro fosse retirado. O grupo também apontou para a importância da ação dos jogadores no ambiente midiático e nas redes sociais, cobrando um posicionamento da UEFA, entidade que organiza o futebol europeu. A proposta do grupo caminhou na direção de ações tanto por parte dos clubes quanto por diferentes entidades do futebol, como a própria UEFA e a FIFA. O grupo sugeriu a criação de órgãos dentro dos clubes, para lidarem com situações semelhantes caso um evento assim se repetisse com torcedores, e nas federações, para atuar na conscientização com torcedores, jogadores, dirigentes e árbitros. Também sugeriram que clubes como o PSG, que possui grande visibilidade e influência entre o público global pudesse se utilizar de campanhas de conscientização nas redes sociais.

O segundo grupo também analisou um caso de racismo, dessa vez contra o jogador Daniel Alves, que atuava à época no time do Barcelona. Em partida contra o Villarreal, um torcedor arremessou uma banana em direção ao atleta. Ao perceber o ato, o jogador optou por pegar a banana no chão, comer e continuar a partida. A análise do grupo analisou a forma “diferente” com que o jogador se comportou perante o ato e de como o gesto, que viralizou nas redes sociais, levou diversos jogadores e celebridades a se manifestarem em defesa do jogador, cobrando ações dos órgãos competentes perante o ato racista. De forma semelhante ao grupo anterior, este grupo propôs a criação de órgãos e comitês dentro dos clubes para lidar com eventos dessa natureza, inclusive sendo capazes de aplicarem sanções aos torcedores identificados em tais atos, como exclusão dos estádios e perda da possibilidade de se tornar sócios do clube. Por fim, o último grupo da turma de 8.<sup>o</sup> ano discutiu a comemoração nazista do jogador grego Giorgos Katidis, em 2013. O grupo destacou as ações da federação grega de futebol, que após o ocorrido baniu o jogador da seleção de seu país, e de seu clube, AEK Atenas, que rescindiu seu contrato com o time. A proposta do grupo caminhou na direção das propostas dos demais grupos da turma, sugerindo a criação de órgãos e comitês para reforçar a aplicação de sanções a jogadores e torcedores, bem em campanhas de conscientização.

### **Análise dos resultados da atividade**

A partir da realização da atividade, faz-se necessário a análise dos resultados obtidos. Importante destacarmos que, frente às limitações encontradas para a realização da atividade, não buscamos tratar tais resultados como verdades ou generalizações quanto à educação geográfica



ou a utilização do futebol em sala de aula, mas sim procuramos reunir alguns apontamentos que possam contribuir para a nossa investigação. Tendo isso em vista, um dos principais resultados obtidos a partir da realização da atividade diz respeito ao papel desempenhado pelo futebol. A utilização do futebol como espécie de “fio condutor” da atividade foi capaz de promover amplo engajamento dos alunos das turmas nas quais desenvolvemos a atividade. A presença do futebol ao longo da atividade se constitui como importante elemento para que os alunos se envolvessem mais ativamente na discussão proposta. Verificamos também que, apesar do interesse geral das duas turmas, os alunos do 8.º ano se mostraram mais engajados na temática do futebol. Além disso, identificamos que, para os alunos que demonstraram maior grau de envolvimento com o futebol durante a atividade, houve maior facilidade ao lidar com as diferentes abordagens geopolíticas, clássica e antigeopolítica. Pudemos identificar essa facilidade ao longo das apresentações das turmas, em que os alunos do 8.º ano (mais engajados na discussão envolvendo o futebol) apresentaram maior domínio da discussão acerca da antigeopolítica em sua relação com o futebol.

Essa questão, juntamente ao próprio envolvimento dos alunos para com a atividade a partir do uso do futebol corroboram com as formulações da aprendizagem significativa, teorizada por Ausubel (1963). O futebol, nesse sentido, atua como conhecimento prévio dos alunos, denominado de “subsunçor” pelo autor. Ao trabalharmos nossa atividade a partir do futebol, de forma que a modalidade possa agir na mediação entre os alunos e novos conhecimentos, contribuimos para que esses novos conhecimentos possam ser dotados de significado para aquele aluno. Para Ausubel (1963), ao trabalharmos a partir de conhecimentos que os alunos já possuem, o processo de aprendizagem se dá de maneira mais eficiente, uma vez que a construção de novos conhecimentos passa pela sua assimilação por elementos já conhecidos pelos alunos. Nesse processo, o novo conhecimento passa a ser dotado de significado para o aluno, o que segundo o autor é capaz de tornar tal conhecimento mais relevante para o indivíduo. Visando a construção do conhecimento poderoso, acreditamos também ser relevante que novos conhecimentos possam ser dotados de significado, pois dessa forma há uma potencialização da qualificação desse conhecimento como “poderoso”.

Outro importante resultado da atividade foi que os alunos apresentaram facilidade de compreender que os fenômenos abordados em sala de aula são capazes de serem observados e analisados em diferentes contextos de sua vida cotidiana. Essa compreensão se mostra relevante tanto para alunos quanto professores. Do ponto de vista do aluno, a compreensão de que as discussões realizadas pelas disciplinas escolares (em nosso caso, a geografia) se expressam em objetos, contextos e espaços que lhes são familiares de alguma forma pode contribuir para que estes construam significados a partir desses conhecimentos disciplinares. Pela ótica do professor, essa compreensão favorece o engajamento dos alunos nas discussões realizadas em sala de aula, fato que também contribui no processo de aprendizagem e construção de conhecimentos. Ao apresentarmos e discutirmos como podemos identificar uma expressão geopolítica, e antigeopolítica, no futebol, demonstramos aos alunos como os conhecimentos construídos em sala de aula podem ser observados em outros contextos que não o da escola. Julgamos esse elemento pertinente em nossa investigação no sentido da construção do conhecimento poderoso, entendendo que ao estabelecer certas conexões e correspondências entre o conhecimento construído em sala e a realidade contribuimos para que os alunos possam se apropriar desse conhecimento a fim de transformar a realidade.

Por fim, um aspecto que se mostrou relevante durante a atividade foi a dificuldade apresentada pelos alunos durante a parte propositiva da atividade. Durante esse momento da atividade os alunos deveriam, a partir dos eventos do futebol analisados, propor medidas de ações para a problemática apresentada. Os grupos, no entanto, demonstraram algum grau de dificuldade





em sua formulação. A turma de 8.º ano, apesar de apresentar propostas relevantes, revelou alguma dificuldade para a compreensão do que seria tal proposta. A turma de 9.º ano, por sua vez, apesar da justificativa dada pela turma para a falta de propostas em suas apresentações, nos pareceu não compreender o que lhes foi pedido ou mesmo não saber o que propor. Tal dificuldade nos remonta às preocupações de Young quanto à presença ou à ausência do conhecimento no ambiente escolar. Acreditamos ser possível indicar que a dificuldade apresentada pelos alunos se associa a uma estrutura curricular que tem como prioridade abordar conteúdos e temáticas em cada disciplina, ao invés do foco na construção de conhecimentos especializados, disciplinares. Tendo considerado essa dificuldade por parte dos alunos, desejamos enfatizar que os alunos que apresentaram maior identificação com a temática do futebol foram aqueles que tiveram maior facilidade na formulação e apresentação de suas propostas. Isso nos remete a outro ponto importante das formulações da teoria da aprendizagem significativa. Dentro da realidade de uma sala de aula nenhum material é capaz de apresentar o mesmo grau de relevância e significado para todos os indivíduos. Portanto, seria irreal pensar que o futebol (ou outros elementos como músicas e filmes, por exemplo) é capaz de dotar novos conhecimentos de significado para todos os alunos das turmas. A atividade, no entanto, demonstrou que o futebol é elemento significativo para uma parcela considerável dos alunos e que, através dele, somos capazes de engajar os alunos a se envolverem com o conhecimento geográfico, um primeiro movimento na direção da construção de conhecimentos poderosos.

Apesar das diversas limitações encontradas para a realização da atividade, consideramos os resultados obtidos satisfatórios. A proposta aqui apresentada buscou não apenas verificar, de forma pontual, a aplicabilidade das ideias trabalhadas ao longo da pesquisa. Visamos aqui apontar caminhos para práticas possíveis dentro da educação geográfica não apenas a curto prazo, mas sim de forma que as discussões e ideias que dão base ao desenvolvimento desta atividade possam ser implementadas dentro do contexto de um planejamento escolar e curricular. Os resultados da atividade apontam para significativas contribuições das diferentes perspectivas e temáticas abordadas pela pesquisa, ainda que tenhamos nos utilizado apenas de dois tempos de 50 minutos. Pensando atividades similares a desenvolvida e a construção de aulas pautadas em tais perspectivas como parte de um processo constante dentro do planejamento da disciplina, acreditamos que tanto o futebol, como a antigeopolítica e o conhecimento poderoso podem contribuir significativamente para a formação dos estudantes.

### **Considerações Finais**

Ao longo da pesquisa e da atividade buscamos analisar a contribuição do futebol, a partir de uma leitura antigeopolítica, na construção do chamado conhecimento poderoso. A realização da atividade com alunos de 8.º ano e 9.º ano, em instituição da rede privada de ensino no município de Nova Iguaçu, Região Metropolitana do Rio de Janeiro, foi capaz de apontar a potencialidade de tal abordagem na geografia escolar.

Buscamos o diálogo teórico entre os diversos eixos de orientação da pesquisa, compreendendo ser relevante que tais discussões pudessem ser pensadas não apenas no campo da teoria, mas de forma que fosse possível verificar sua relevância e aplicabilidade no contexto da sala de aula. Nesse sentido, a realização da atividade demonstrou que, não apenas tais discussões são relevantes, mas também que esses elementos são capazes de motivar os alunos a se engajarem nas discussões da geografia escolar, principalmente (em nosso caso) pela utilização do futebol. Acreditamos assim, ter atingido nossos objetivos.

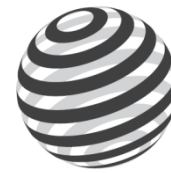


Destacamos aqui algumas questões no que tange à utilização do futebol, em uma leitura antigeopolítica do mundo, ao longo da atividade. Mais do que apresentarmos as potencialidades que tanto o futebol quanto a antigeopolítica oferecem à educação geográfica, buscamos com a realização da atividade apontar caminhos para outras formas de se educar geograficamente, aqui pautadas na perspectiva da aprendizagem significativa e do conhecimento poderoso. O olhar antigeopolítico lançado sobre o futebol, ao privilegiar outros atores, escalas e discursos na análise da política se constitui como um grande potencial da abordagem geopolítica, tanto pela academia quanto pela geografia escolar, uma vez que promove um olhar pouco privilegiado perante a realidade, capacitando os alunos a se envolverem em discussões socialmente relevantes.

Outra importante consideração deve ser feita quanto à realização da atividade e aos objetivos do conhecimento poderoso preconizado por Young (2008; 2014; 2016). Apesar de a atividade ter apontado não apenas a relevância do conhecimento poderoso, mas também formas pelas quais podemos construí-lo, é necessário que a realização de atividades dessa natureza seja incorporada como parte do planejamento curricular e não apenas de forma pontual. Por se tratar de uma formulação que se constrói a partir de debates sobre a própria estrutura curricular, o conhecimento poderoso apresenta um caráter processual, ou seja, busca se concretizar a partir de um processo de construção de conhecimento. Com nossa atividade, apontamos que propostas baseadas em tais formulações são possíveis e podem ser relevantes na formação dos alunos e na construção de conhecimentos disciplinares, porém para que tais conhecimentos possam efetivamente se qualificar como poderosos é necessário que um processo para sua construção seja estabelecido por professores, escolas e formuladores do currículo.

### Referências Bibliográficas

- AUSUBEL, D. **The psychology of meaningful verbal learning : an introduction to school learning**. New York: Grune & Stratton, 1963. 255 p.
- BOROWSKI, L.; FONSECA, A. O ensino da geografia política local na escola como perspectiva de efetivação da cidadania. **Geografia, Ensino e Pesquisa**, v.21, n.2, p. 88-98, 2017.
- CANETTIERI, T. A importância do futebol como instrumento da geopolítica internacional. **Revista de Geopolítica**, v.1, n. 2, p. 116-128, 2010.
- CARIOBA, C. **Uma partida de futebol: globalização e ensino de geografia**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2017.
- HOLGADO, F. **Além das quatro linhas: o futebol no ensino de geografia**. Porto Alegre: UFRGS/PPGGea, 2013.
- KOCH, N. The Geopolitics of Gulf Sport Sponsorship. **Sport, Ethics and Philosophy**, 14, n. 3, p. 355-376, 2020-07-02 2020.
- LIMA, I. A geografia e o resgate da antigeopolítica. **Espaço Aberto**, v.3, n. 2, p. 149-168, 2013.
- Ó TUATHAIL, G. **Critical Geopolitics**. London: Routledge, 1996.
- ROUTLEDGE, P. Anti-geopolitics. In: AGNEW, J.; MITCHELL, K., *et al* (Ed.). **A companion to political geography**. Londres: Blackwell, 2003.
- SCUTTI, G.; WENDT, J. Football and geopolitics. **GeoSport for Society**, v.5, n. 2, p. 100-106, 2016.
- WEIGERT, H. **Geopolítica: generaliz y geógrafos**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1943.



---

WERMINGHOFF, F. **Geografia política crítica e antigeopolítica: por novas formas de abordagem nos livros didáticos**. UFF, 2017.

YOUNG, M. **Bringing knowledge back in: from social constructivism to social realism in the sociology of education**. London: Routledge, 2008.

YOUNG, M. Teoria do currículo: o que é e por que é importante. **Cadernos de Pesquisa**, v.44, n. 151, p. 190-202, 2014.

YOUNG, M. Por que o conhecimento é importante para as escolas do século XXI? **Cadernos de Pesquisa**, v.46, n. 159, p. 18-37, 2016.